

Uma forma de ler a última obra da autoria de Manuel Pedroso Marques, “O Futuro em Aberto”.

Por Hélder de Oliveira

Há cerca de dois anos atrás desloquei-me a Monchique para participar, sempre com especial prazer, no lançamento da então última obra de Manuel Pedroso Marques, “Diálogos Improváveis” com o subtítulo, “O Populista, a Democracia, o Radical e a Opinião Pública”.

Recordo-me que entre as diversas pessoas ilustres que então aqui pude saudar, se encontrava um Capitão de Abril, mas também protagonista de Novembro, integrando o decisivo “Grupo dos Nove,” o General Franco Charais que, pelas redondezas da Serra de Monchique ia redescobrando, com entusiasmo, julgo mesmo que com paixão, o seu amor pela pintura. Partiu recentemente o nosso General. Deixo-lhe, nesta circunstância, comovidamente, uma palavra de saudade e também de apreço pelos gestos de coragem de que foi protagonista e que nos permitem estar hoje aqui, convém sublinhar, em Liberdade, a celebrar a palavra e a comemorar Abril.

O meu amigo Manuel Pedroso Marques é um lutador pela Liberdade que, também no exílio com que o empenho nessa luta o castigou, para além de ter exercido cargos em atividades que o colocaram no caminho esplendoroso da cultura geral e específica que ressuma da sua escrita, lhe permitiram, suportado pelo espírito inquieto que é o seu, adquirir, pelo estudo e pela vivência, um fundo cultural invejável, quer pela sua dimensão e profundidade, quer por igual solidez. Estas virtudes afirmei eu então, ficaram expressas na forma como, a partir das personagens, de sua natureza propensas à controvérsia, que elegera para suportar os diálogos, particularmente bem conseguidos, foi enriquecendo cada uma dessas personagens com opiniões, diria mais, convicções, sempre sujeitas a um intenso e

esclarecedor escrutínio que o confronto dessas opiniões suscita de modo muito claro e apelativo para o leitor.

A capacidade criativa que Manuel Pedroso Marques, evidencia, designadamente, quando, ainda na semana passada, completou noventa anos de vida, exigiu que novamente rumasse a Monchique e volte a falar com renovado prazer de uma nova obra de sua autoria: “O Futuro em Aberto” com o subtítulo “Pensar Portugal”.

Chegados aqui, talvez seja importante recordar que Manuel Pedroso Marques é coronel do Exército Português na reforma, que esteve exilado doze anos na sequência da sua participação, quando tinha a patente capitão, na ação designada por “Movimento de Beja”, traduzida no assalto ao Quartel desta cidade com o objetivo de provocar um golpe de estado, ação que despertou em mim, jovem trabalhador-estudante, então em vias de frequentar o ISCEF- Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, um secreto entusiasmo por pensar que algo poderia mudar na natureza do regime ditatorial que governava o País.

Falhado o golpe precursor, julgado à revelia e condenado, esteve quase três anos em asilo político na Embaixada do Brasil em Lisboa. Conseguiu sair clandestinamente do País em condições dramáticas, pediu asilo político em França e conseguiu aqui um salvo-conduto que lhe permitiu ir para o Brasil de onde regressou após o “25 de Abril”. Foi membro da Ação Socialista Portuguesa que deu origem ao atual Partido Socialista. No Brasil trabalhou em gestão, em redação e foi responsável por três chancelas editoriais, tendo sido, designadamente, editor da Enciclopédia Delta Larousse.

Após o “25 de Abril” foi reintegrado no Exército, foi instrutor de aulas de gestão e estratégia para o Curso de Capitães e, entre outras funções, foi assessor militar do Primeiro Ministro Mário Soares.

Foi Presidente da RTP, da Agência Lusa e de empresas ligadas à publicidade e ao imobiliário. Escreveu artigos de intervenção política e cultural e publicou livros.

É oportuno dizer que o autor produz o trabalho que hoje é apresentado na sequência de outros igualmente reveladores da sua personalidade onde a inquietude e o rigor ocupam um lugar de permanente busca, análise e produção de resultados. Vale a pena lembrar aqui algumas dessas obras, chamemos-lhe, de fundo, para além de outros títulos expressos em textos de menor extensão, mas sempre dotados do mesmo rigor e autenticidade com que recorreu à escrita mais extensa e de mais profunda reflexão. “Liberdade é também vontade”, em coautoria, “Relações de Poder na Empresa”, “O Jogo da Estratégia na Gestão”, “Tempos Difíceis, Decisões Urgentes”, “Os Exilados não esquecem nada, mas falam pouco”, “Populismo- Todo o poder vem do povo! Mas para onde vai?”. No desenho da nova obra, que traduz a sua inquietude em participar ativamente na discussão dos objetivos estratégicos que devem enquadrar o desenvolvimento do País nas suas diversificadas vertentes, Manuel Pedroso Marques, articulou o seu trabalho, para além da introdução explicativa e da conclusão que sintetiza os temas abordados, em sete capítulos cujos títulos respigamos de seguida e que dão uma ideia do vasto espetro por que estendeu a sua análise:

- Sobre o nosso comportamento coletivo;
- Das boas e más estratégias;
- Entre o planeamento e a improvisação;
- Entre a administração e a política;
- Da organização do Estado;
- Dificuldades da democracia;
- A estratégia que nos falta.

Para além do largo e diversificado contributo que é fixado nas páginas desta obra que nos intima a pensar o País, designadamente, em termos de futuro, fica o exemplo do que deve ser feito e que, em particular nos últimos anos, não tem sido feito: pensar estrategicamente o desenvolvimento de Portugal.

De facto, os portugueses, enquanto cidadãos e patriotas, para além de se envolverem em pequenas ou grandes querelas sobre questões do dia a dia, não têm sido dados, individualmente ou institucionalmente, a pensar o País de forma ambiciosamente estratégica. Conheço alguns casos, infelizmente poucos, em que pensadores de qualidade, alguns citados pelo Autor, lembro, por exemplo, também com saudade, Eduardo Lourenço, que, na sua prosa ou nas suas intervenções públicas, pensaram estrategicamente as opções que Portugal tinha perante si e pelas quais deveria optar ou, ao menos, tentar optar.

Nem sempre foi assim. No tempo da ditadura muita gente de qualidade envolveu-se nas tarefas do planeamento. Conheci e ainda conheço alguns. E lembro aqui também alguns desses nomes que farei o possível por não esquecer. João Salgueiro foi um deles e com quem tive o prazer de conviver. Pessoal e profissionalmente. Recordo a sua passagem, no tempo em que Marcelo Caetano era Primeiro Ministro, ou, como então se dizia, Presidente do Conselho, pela Subsecretaria de Estado do Planeamento. Recordo igualmente João Cravinho, responsável pelo Gabinete de Estudos Básicos de Economia Industrial – GEBEI, onde prestaram o seu múnus profissional alguns dos mais brilhantes engenheiros, economistas e juristas deste País.

Na dita Subsecretaria de Estado, no Departamento Central do Plano e no referido GEBEI, espíritos brilhantes no domínio do estudo e da especulação técnica e científica, permitiram que fosse possível pensar, por exemplo, a importância do Complexo de Sines, que, felizmente, está longe de ser um elefante branco como alguns, mostrando a sua ignorância, já o classificaram, isto apesar das incompletudes de que sofre como o autor, invocando o projeto, muito bem assinala. Ou, ainda, outro exemplo do papel das referidas estruturas do planeamento que sublinharam a urgência de construir Alqueva, dois projetos que alteraram dramaticamente o perfil do Alentejo e permitem que os indicadores de desenvolvimento do País sejam mais inspiradores. A forma

inteligente e sistemática como estes projetos foram pensados permitiram que na passagem atribulada da ditadura para a democracia a sua continuidade ou realização não fosse abandonada e hoje estejam aí a servir de base a novas linhas de evolução da nossa economia, apesar da inexistência de estruturas institucionais que suportem a disciplina do planeamento na procura de novas linhas de desenvolvimento do País.

Felizmente ainda é possível encontrar pensadores como Manuel Pedroso Marques, profundamente identificados com o destino do seu País, que no seu livro elenca um conjunto vasto de ideias, de factos e de outros pensadores que podem servir de inspiração e apoio a processos de desenvolvimento com repercussão positiva, a longo prazo, nos indicadores de progresso de Portugal.

Vem a propósito lembrar alguns acontecimentos que modelam a história de Portugal, citados por Manuel Pedroso Marques e pensar em que medida, como o autor nos desafia a pensar, tais acontecimentos se configuram ou não como estratégicos na evolução coeva ou atual dos índices de progresso do País. Tais acontecimentos são, em primeiro lugar, e seguindo a cronologia, a Lei das Sesmarias, cuja aplicação efetiva não fica clara mas que é sempre evocada como lei que, em alguns circunstancialismos específicos, não deveria ser ressuscitada e os descobrimentos, palavra hoje sujeita a controvérsias conhecidas e sempre discutíveis, que moldaram de forma profunda toda a evolução histórica da nossa Pátria. E já agora, sublinhando a inevitável controvérsia, deram novos mundos ao mundo.

Para não ser excessivo termino evocando novamente a história curricular do Autor que estará na génese do impulso, diria, vital, que o leva a interessar-se proactivamente por temas tão atuais, permanentes e relevantes como aqueles que estão enquadrados nos títulos dos capítulos que enumerei, a constância da sua atitude na defesa, sem transigências, dos ideais da democracia suportada pelo grande progresso civilizacional que foi a Declaração Universal dos Direitos do

Homem, e que explicará também o empenho, o rigor e o conhecimento que Manuel Pedroso Marques colocou na produção desta obra.

Seu admirador anónimo desde os tempos em que se envolveu, jovem, corajoso e idealista na tentativa, infelizmente frustrada, mas precursora, de derrube do regime injustamente opressor que governou o País num tempo de escuridão e desespero, tive a feliz oportunidade de conhecer e conviver com Manuel Pedroso Marques num tempo de incerteza mas de convicção profunda na vitória gloriosa dos ideais democráticos.

Este novo livro, exercício de liberdade e de sabedoria, é testemunho e penhor das razões profundas e relevantes que, após a sua leitura, me levam a enraizar e solidificar, ainda mais, a admiração e amizade que nutro por Manuel Pedroso Marques e pela forma como se empenhou na aventura, sempre incerta, que é o caminho de lutar por um Portugal e por um Mundo melhor.

Monchique 8 de Agosto de 2024

Poema

Cantar não é talvez suficiente ...
(Manuel Alegre)